

SOCIOLOGIA

Risco é parte inerente ao modelo de produção de riqueza, segundo teoria de Ulrich Beck que volta à tona no momento atual de desastres. Por **Jorge Felix**, para o Valor, de São Paulo

Sociedade do perigo

O principal produto da economia contemporânea é o risco. Neste momento, você aí sentado em sua cadeira no trabalho, o operário tradicional nas fábricas espalhadas mundo afora, o operador nas mesas de corretoras e bancos, ou mesmo quando alguém está sentado na sala de espera do aeroporto ou dentro do próprio avião em viagem de negócios... todos nós produzimos risco.

As tragédias de Brumadinho, de Mariana (ocorrida em 2015), os impactos das chuvas do Rio de Janeiro, o incêndio no Centro de Treinamento do Flamengo ou os furacões na costa da Califórnia, que incendiaram as mansões de estrelas de Hollywood com as matas, são consequências de um modelo de produção no qual a globalização empurrou ao risco outro significado. Em vez de uma ameaça exterior (ou externalidades, como prefere a economia) ou do estranho, o risco é parte inerente ao modelo de produção de riqueza nos nossos dias.

Essa tese do sociólogo alemão Ulrich Beck (1944-2015), autor do best-seller mundial “Sociedade de Risco – Rumo a uma Outra Modernidade” (Editora 34), publicado em 1986 na Alemanha, está sendo considerada a melhor interpretação — ou ao menos uma que não deve ser desprezada — para auxiliar governos e empresas em todo o planeta a lidar

com a emergência de riscos que, por enquanto, só suscitam o espanto da frase “como isso pode acontecer?”, imediatamente seguida de uma inércia ou mais dúvidas nas tomadas de novas decisões. “Acredito que usar o Beck para entender o que está acontecendo é bastante adequado ao momento, muito oportuno, pois ele formulou o conceito da sociedade de risco logo depois do acidente nuclear de Chernobyl”, afirma o sociólogo Sérgio Costa, professor titular da Universidade Livre de Berlim e pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap).

O mercado editorial brasileiro está atento à atualidade de Beck. No ano passado, a editora Zahar publicou “As Metamorfoses do Mundo”, último livro do sociólogo alemão que é referência na sociologia mundial e terminou seus dias como um crítico contumaz da primeira-ministra Angela Merkel. Beck temia uma reação à hegemonia alemã na zona do euro, principalmente, e registrou sua análise num livro com grande repercussão, “A Europa Alemã”, de 2012 (Editora Paz & Terra).

As ideias de Beck influenciaram a opinião pública britânica e a pauta do Brexit, assim como a reação grega, durante a crise da dívida no país, às imposições da União Europeia. Todas essas análises são desdobramentos do conceito da sociedade de risco e de sua tese de que vivemos um período socialmente com-

plexo no qual o exercício do poder — seja na esfera pública, seja nos governos, seja nas empresas — está diante de um maior poder de reflexão do cidadão, principalmente o europeu.

Nessa “modernidade reflexiva”, afirma Beck, “as instituições da sociedade industrial tornam-se produtoras e legitimadoras das ameaças que não conseguem controlar”. Muitos imaginam a sociedade atual como uma espécie de epidemia da aversão ao risco. Essa é uma ideia equivocada, segundo Beck. Por quê? “Porque a sociedade ainda toma decisões e enceta ações de acordo com o padrão da velha sociedade industrial, mas, por outro lado, as organizações de interesses, o sistema judicial e a política estão nublados por debates e conflitos que têm a sua origem no dinamismo da própria sociedade de risco”, escreveu. “Os riscos se reproduzem a si próprios conjuntamente com as decisões tomadas”. O grande erro na atualidade, portanto, é que aqueles que estão atrás de mitigar os riscos procuram receitas anacrônicas ou bebem de fontes com um risco ainda maior.

Na sociedade digital, poderíamos dizer que o pensamento ainda é analógico. Aliás, os riscos digitais são um bom exemplo para ilustrar a tese. Na semana passada, a empresa Bites lançou a terceira edição do relatório Riscos Digitais, elaborado em parceria com a Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM).



Bombeiros fazem buscas após rompimento da barragem da Vale em Brumadinho; teoria de Beck de 1986 pode auxiliar governos e empresas a lidar com emergência de riscos

A pesquisa aborda as “fake news”, o populismo digital, a inteligência artificial, a concorrência entre as redes sociais. Na economia dominada pelas gigantes digitais, é justamente esse espaço um dos maiores produtores de risco, portanto, a relação é recíproca ou dialética, como destaca Beck. De acordo com Manuel Fernandes, diretor da Bites, a legislação atual e o mandato de Jair Bolsonaro sofrerão impactos de forma inédita pelo risco digital. “A realidade digital revela as entranhas do sistema e as fragilidades ficarão mais expostas, e isso muda a posição relativa dos atores do poder”, afirma Fernandes.

O presidente da França, Emmanuel Macron, vive justamente as consequências desses riscos, há meses, com o movimento dos coletes amarelos em todo o país. Muitos analistas políticos defendem que Macron, ungido ao poder como um novo a pairar sobre todo o espectro político-partidário tradicional, avaliou mal o risco de eliminar o imposto solidário sobre fortunas, ou seja, produziu dentro do governo a sua crise.

As redes sociais também foram fundamentais para os coletes amarelos e para fazer emergir um escândalo — também produzido dentro do próprio Palais de l’Elysée — quando vídeos vazados na internet mostraram seu então segurança pessoal, Alexandre Benalla, espancando um casal de manifestantes nos

eventos do 1º de maio de 2018.

Mais uma vez Beck está presente. A estratégia de Macron para estancar as crises e frear a queda brutal de sua popularidade — de mais de 60% para perto de 20% de aprovação em um ano e pouco de mandato — é uma das recomendações do sociólogo alemão: ampliar os responsáveis pela tomada de decisão. Mais democracia. O presidente lançou o “Grande Debate” e está percorrendo o país ouvindo diretamente os cidadãos e as cidadãs francesas. E pedindo sugestões e soluções para os problemas nacionais. Beck alertou para a capacidade de a chamada subpolítica, isto é, movimentos sociais fora da estrutura partidária ou institucional reconfigurarem o poder a partir de baixo. “Na sociedade de risco, existem oportunidades para os indivíduos corajosos moverem montanhas, e isso implica num decréscimo do poder central”, escreveu.

Uma das razões para essa rearrumação do poder, segundo Beck, é o vício da sociedade de risco em basear a tomada de decisões no chamado “conhecimento validado” (os especialistas) alheio ao novo conceito de risco e escravo de probabilidades racionais e irreais. Beck cita a justificativa para a construção de Chernobyl usada pelas autoridades soviéticas: o tabaco, estatisticamente, mata mais. Os números falavam a

verdade, mas o acidente de 1986 acabou por derrubar o império soviético três anos depois. No Brasil, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, comparou o uso da arma ao de um liquidificador, que, segundo ele, teria um risco similar para machucar crianças em acidentes domésticos. Além de carente de estatísticas, o raciocínio do ministro é exatamente o que Beck queria dizer.

“É possível subestimar hoje as críticas, com um risco a tender para zero, apenas para lamentar amanhã, depois da catástrofe ter acontecido, a estupidez de uma opinião pública que não sabe interpretar as afirmações probabilísticas”, escreveu o sociólogo. As barragens da Vale estavam seguras oito meses antes da tragédia de Brumadinho.

Outro ponto importante de Beck é a força da dinâmica econômica em dar exclusividade de esperança (ou sobrevivência) apenas na própria inserção do indivíduo na sociedade de risco. No livro “Tragédia em Mariana – A História do Maior Desastre Ambiental do Brasil”, a jornalista Cristina Serra conta a história de Romeu Arlindo dos Santos, empregado do setor de geotécnica da Samarco. Ele retorna à empresa mesmo depois da tragédia. Se dependesse de escolha, não estaria lá. “Mas preciso do emprego e do plano de saúde”, diz Romeu. Como afirmou Beck: “Os riscos surgem do triunfo da ordem”. ■